

## A realização da liberdade humana a partir da teoria ética do *conatus* de Spinoza

### The realization of human freedom from the ethical theory of *conatus* de Spinoza

CARLOS WAGNER BENEVIDES GOMES<sup>1</sup> / VIVIANE SILVEIRA MACHADO<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo principal dessa nossa pesquisa é investigar a importância da noção de *conatus* para a liberdade humana segundo o pensamento ético do holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677). Sendo assim, teremos como fundamentação teórica principal, a Parte III (*Da origem e natureza dos Afetos*) da *Ética*, obra máxima de Spinoza, bem como outros textos deste a fim de explicitar as relações entre o *conatus* e a liberdade dos indivíduos e de como os homens podem se libertar de suas paixões tristes esforçando-se por agir virtuosamente buscando nos bons encontros uma ética da alegria.

**Palavras-chave:** Spinoza. Ética. Liberdade. *Conatus*.

**Abstract:** The main objective of our research is to investigate the importance of the notion of *conatus* for human freedom according to the ethical thought of the Dutchman Benedictus de Spinoza (1632-1677). Therefore, we will have as the main theoretical foundation, Part III (*On the origin and nature of the Affects*) of *Ethics*, Spinoza's maximum work, as well as other texts by this to explain the relations between the *conatus* and the freedom of individuals and how men can free themselves from their sad passions by striving to act virtuously by seeking an ethic of joy in good encounters.

**Keywords:** Spinoza. Ethics. Liberty. *Conatus*.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância do *conatus* para a liberdade na ética spinozana. O ponto de partida para o estudo em questão será o pensamento filosófico do holandês Benedictus de Spinoza. No escólio da proposição 22 da Parte IV (*Da Servidão Humana ou das Forças dos Afetos*) de sua obra magna *Ética*, o pensador cita que “o esforço por se conservar (*conatus*) é o primeiro e único fundamento da virtude<sup>3</sup>”. (SPINOZA, 2016, p. 291). Dado o exposto, serão analisadas

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Filosofia (UFC). Bacharel e Licenciado em Filosofia (UECE). Pesquisador no Grupo de pesquisa A questão da Liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza. Membro do GT Benedictus de Spinoza (UECE). Membro de Comissão editorial em Revista *Conatus - Filosofia de Spinoza* (UECE) e *Kalagatos - Philosophical Journal* (UECE). E-mail: wagnercarlos92@gmail.com

<sup>2</sup>Mestranda em Filosofia pela UFC. Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Membro do GT Benedictus de Spinoza (UECE) desde 2018. Atuou como professora voluntária da disciplina de Filosofia no Projeto Pré-Vestibular do Programa de Formação para Travestis e Pessoas Transgêneras -Transpassando de 2018 até 2021. Entre o seu domínio de interesses, constam-se questões de ética, educação, ontologia e política em Spinoza. E-mail: vivianemachado10@gmail.com.

<sup>3</sup>Segundo Marilena Chaui (2011, p. 96), “a chave da ética espinosana encontra-se nessa posição do *conatus* como fundamento primeiro e único da virtude, palavra empregada por Espinosa não no sentido moral de valor e modelo a ser seguido, mas em seu sentido etimológico de força interna (em Latim, *virtus* pertence à família de *vis*, força)”.

ideias que podem contribuir para a verdadeira liberdade dos indivíduos em sociedade no *modus operandi* da filosofia de Spinoza. Ou seja, ideias advindas da afetividade e de um único fundamento, a saber, a razão<sup>4</sup> clara e distinta. Ora, segundo o pensador holandês, somente as ideias adequadas podem determinar nossas ações adequadamente, ou seja, potencializar nossas ações de forma virtuosa. Assim, enfatiza a necessidade de compreendermos nossos afetos<sup>5</sup> para então moderá-los. Isso porque os afetos não compreendidos levam-nos à superstição, à servidão e às paixões tristes. Assim, a filosofia de Spinoza nos guiará na investigação desse precioso caminho.

Em suas obras<sup>6</sup>, como *Tratado Teológico-Político*<sup>7</sup> e *Ethica Ordine geometrico demonstrata*<sup>8</sup>, Spinoza nos apresentará as verdadeiras causas da servidão dos indivíduos, tanto a nível individual (ético/direito natural) como a nível social (político/direito civil). Na maioria de seus escritos e cartas podemos encontrar questões circunstanciais para realizarmos a fundamentação de nossa investigação. Segundo Spinoza, as relações entre as paixões passivas e o medo entrelaçam-se aos afetos tristes, pois mente e corpo padecem simultaneamente (conforme podemos observar na sua teoria da unidade do corpo e mente do indivíduo humano presente na Parte II da *Ética*). Assim, analisaremos também a importância da liberdade do pensamento à luz da razão e do verdadeiro cuidado de si para o bem da coletividade observando as ideias de Spinoza relacionadas ao desejo, às paixões tristes e alegres, à liberdade de Deus e à liberdade determinada dos homens. E, por fim, observaremos

62

---

<sup>4</sup>“[...] quando sentimos a alegria de conhecer pela razão os nossos próprios afetos, inicia-se um percurso liberador, um caminho que não apenas leva à Felicidade, ou à Liberdade, mas que já se constitui como um primeiro momento da felicidade se formos uma vez determinados a percorrê-lo”. (PAULA, 2017, p. 26).

<sup>5</sup>“Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada (*coercertus*), e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2016, p. 163)

<sup>6</sup>A divulgação de seu pensamento heterodoxo faria com que o jovem judeu fosse excomungado de sua comunidade judaica aos 24 anos. Para manter seu sustento, Spinoza passou a trabalhar como polidor de lentes ao passo que se dedicou também a composição de seus manuscritos filosóficos.

<sup>7</sup>A presente obra foi publicada anonimamente no ano de 1670.

<sup>8</sup>“*Ethica Ordine geometrico demonstrata* é uma ordem discursiva adequada ao seu objeto e requerida necessariamente por ele. Ordem adequada não só porque é a forma exemplar de exposição da autonomia do intelecto como força inata para o verdadeiro, mas também porque exprime sem lacuna a ideia adequada da própria adequação, isto é, de causa *sive ratio*: a substância absolutamente infinita e causa de si e não carece de conceito de outra coisa para ser concebida; é causa adequada em sentido pleno, infinitude atual ou eterna, auto-suficiente e autodeterminada que põe sua própria inteligibilidade porque é *ratio* de si mesma quanto à essência, à potência e à existência. A substância absolutamente infinita é *philosophice* o que a quantidade infinita é *mathematice*. Ordem necessária não só porque oferece a gênese necessária de seu objeto e porque a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas, mas também porque afirma a *ratio* entre o infinito e o finito, a passagem contínua do primeiro ao segundo e deste àquele, descrevendo a produção real da realidade assegurando que nosso intelecto conhece o mesmo e da mesma maneira que o intelecto infinito de Deus. Por isso é ordem livre: instituindo seus conceitos, é exatamente como seu objeto, ou seja, como ele, ela também não é determinada por nada que lhe seja extrínseco, mas apenas pela necessidade imanente que gera, ordena, conecta e comunica todas as suas ideias. Em suma, ordem imanente”. (CHAUI, 1999a, p. 733).

o que Spinoza esclarece sobre a potência do intelecto sobre os afetos onde o *conatus* passa a ser um agente ativo e determinante para a liberdade humana na ética espinozana.

### A construção de uma ética da alegria

Segundo Gilles Deleuze (2002, p. 19), Spinoza demonstrou que “a vida não é uma ideia, uma questão de teoria. A vida é uma maneira de ser, um mesmo modo externo em todos os seus atributos”. O pensador francês observa que Spinoza constrói uma *Ética*<sup>9</sup> voltada para a alegria e felicidade dos indivíduos. Entretanto, conforme explicita o mesmo, as teses práticas de Spinoza fazem com que ele seja acusado injustamente de “materialismo, imoralismo e ateísmo” porque tais teses “implicam uma tripla denúncia: da consciência, dos valores e das paixões tristes”. (DELEUZE, 2002, p. 23). O autor da *Ética* pensa a desconstrução das ideias do pensamento que foram alicerçadas sobre as bases de uma moral teológica durante séculos e nos convida a pensarmos através da reflexão crítica do pensamento, ou seja, não somente da consciência do pensar, mas do pensar ativo e útil<sup>10</sup> a partir da compreensão das leis da natureza. Entretanto, é necessário compreendermos o *Deus sive natura* (Deus, ou seja, a Natureza) do qual Spinoza expõe em sua *Ética* (mais precisamente no prefácio à Parte IV, por exemplo) e seus infinitos atributos infinitos em seu gênero, que exprimem sua essência eterna e infinita.

Para Spinoza, os indivíduos não são livres, porque não nascem livres (embora possam se tornar livres como veremos), mas são produzidos pela essência infinita de Deus como modos finitos singulares e determinados pelos atributos<sup>11</sup> infinitos de Deus (como é o caso do atributo extensão e pensamento, que produzem a constituição do ser humano, composto de corpo e mente como modos finitos). Ou seja, somente Deus é livre, causa de si (*causa sui*), “substância necessariamente infinita” (SPINOZA, 2016, p. 19). Já em relação à liberdade dos homens, o pensador holandês a coloca como coisa coagida (definição 7 da Parte I da *Ética*), ou seja,

<sup>9</sup>“Eis, pois o que é a *Ética*, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a moral, a qual relaciona sempre a existência e valores transcendentos. A moral é o julgamento de Deus, o sistema de Julgamento. Mas a *Ética* desarticula o sistema do julgamento. A oposição dos valores (Bem e Mal) é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência (bom/mau). A ilusão dos valores se confunde com a ilusão da consciência: porque a consciência é essencialmente ignorante, porque ignora a ordem das coisas e das leis, das relações e de suas composições, porque se contenta em esperar e recolher o efeito desconhece toda a Natureza”. (DELEUZE, 2002, p. 29).

<sup>10</sup>[...] Ao contrário de todo relativismo, o útil próprio está ligado ao conhecimento adequado das afecções, daquilo que é verdadeiramente bom como aquilo que produz afecções que reduzem nosso ser. Além disso, é fundamental notar que só a utilidade verdadeira é a razão como poder de conhecer”. (RIZK, 2010, p. 210).

<sup>11</sup>“Um “atributo” é, tradicional e correntemente, o que é atribuído a um sujeito, ou seja, uma caracterização, uma determinação ou uma qualificação, que sempre deixa a possibilidade de uma distinção entre o atributo do sujeito e sua essência. Espinosa, nos seus primeiros escritos, conserva algo dessa tradição, mas rompe com ela na *Ética*, em dois sentidos: ali, o “atributo” é dito de uma “substância” e não mais de um sujeito, e ele constitui a própria essência dessa substância (já não se distingue dela) [...]”. (RAMOND, 2010, p. 26).

determinada por outra coisa (*in alio*), e sua essência<sup>12</sup>, como o desejo. O desejo, ressalta Spinoza, pode ser ativo ou passivo a partir da compreensão das paixões alegres e tristes. Isso porque é preciso primeiramente conhecer a verdadeira causa das paixões, pois só assim será possível desvelar o que pode a potência das ideias<sup>13</sup> da mente sobre as afecções do corpo<sup>14</sup>. No *Breve Tratado*, Spinoza expõe alguns conceitos que serão bem mais desenvolvidos em sua *Ética*, como as noções de Deus, *conatus* e conhecimento. Daí porque o *Breve Tratado* ser considerado um esboço da *Ética*, que seria sua grande obra escrita conforme a ordem geométrica, pois naquele, encontramos um apêndice geométrico.

Por conseguinte, o filósofo holandês constrói sua epistemologia no *Breve Tratado* a partir da explicação da estrutura das relações existentes entre os movimentos<sup>15</sup> dos corpos e as ideias da mente<sup>16</sup> e de como são determinadas e determinantes. Ou seja, como as relações simultâneas constituídas entre os “decretos da mente e as determinações do corpo<sup>17</sup>” onde as ideias se formam a partir das modificações ocasionadas pelo movimento e repouso dos corpos que se compõem e se decompõem.

### **A liberdade humana como um processo do *conatus* na ética spinozana**

Contemporâneo de René Descartes (1496-1650), o pensador visionário Spinoza traz, em suas obras, grandes discussões que percorreram boa parte o século XVII, dos séculos anteriores, mas sobretudo dos séculos seguintes. Antes de seguirmos nossa investigação na *Ética*, trataremos alguns pontos importantes da obra *Tratado Teológico-Político* da qual Spinoza apresenta um estudo rigoroso do *Pentateuco*. O filósofo observou a evolução<sup>18</sup> histórico-teológica e política do povo Hebreu que viveu sob as leis de Moisés. Ora, em sua época, as revoluções científicas, as crises filosóficas e religiosas misturavam-se em meio aos problemas políticos e

---

<sup>12</sup>“A essência do homem é constituída por modos definidos dos atributos de Deus. E certamente, por modos do pensar, dentre os quais, a ideia é, por natureza, o primeiro”. (SPINOZA, 2016, p. 95).

<sup>13</sup>“Por ideia compreendo um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante”. (SPINOZA, 2016, p. 79).

<sup>14</sup>“Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa”. (SPINOZA, 2016, p. 79).

<sup>15</sup>“Assim, tendo falado dos efeitos que a alma tem no corpo, vejamos agora aquele que o corpo tem na alma; afirmamos que sendo entre eles o principal que o corpo faz que a alma perceba a ele próprio e por isso também a outros corpos, o que não tem outra causa, além do movimento junto ao repouso, não havendo no corpo outras coisas pelas quais ele pode agir.” (SPINOZA, 2012, p. 132).

<sup>16</sup>“Uma vez que o corpo e a mente são uma só e a mesma coisa sob perspectivas distintas e que a ordem e conexão das ideias é a mesma que a das coisas, compreende-se que ‘decreto da mente’ e ‘determinação do corpo’ são simultâneos por natureza e, portanto, não indicam uma oposição entre o livre e o necessário, mas duas maneiras de operação da necessidade, segundo a ação de seus respectivos atributos” (SPINOZA, 2016, p. 311).

<sup>17</sup>“Segue-se disso que o homem consiste de uma mente e de um corpo, e que o corpo humano existe tal como o sentimos”. (SPINOZA, 2016, p. 97).

<sup>18</sup>“Quando o tempo é introduzido na realidade última como um ingrediente essencial, a concepção de Deus e da paixão religiosa é alterada imediatamente”. (ALEXANDER, 2019, p. 69).

econômicos. E sua obra vai de encontro às raízes dessas querelas, pois trazem fortes críticas às disputas das monarquias e clérigos que lutavam entre si desde a Idade Média. Em seu *Tratado Teológico-Político*, Spinoza apresenta um pensamento novo, que parte de um monismo e imanência absoluta contestando a transcendência de Deus, ou seja, a separação entre criador e criatura e negando o livre-arbítrio dos indivíduos, bem como afirmando a necessidade da separação entre a filosofia e a teologia, a religião e a política, entre a razão e a imaginação. Segundo Chaui (1999b, p.177):

As lutas teológico-políticas da Revolução, batizadas pela oposição natureza e graça, transcendência e imanência, religião natural e religião revelada, carisma e magistério, fé recebida e fé vivida, com que puritanos e entusiastas denunciaram o conluio entre o conformismo religioso, injustiça e realza (a ele opondo a Palavra viva, a loucura da Cruz e a Jerusalém Terrestre com seus mil anos de paz, abundância, igualdade, justiça e felicidade) a Restauração veio contrapor a figura de um Deus responsável pelas causas dos processos naturais e sobrenaturais e afirmar a razoabilidade da religião (cristã), a irracionalidade do ateísmo e os perigos do entusiasmo.

Spinoza estremece as bases do fundamento teológico da religião judaico-cristã de sua época ao denunciar que as superstições eram a causa da servidão<sup>19</sup> das sociedades cujos indivíduos continuavam vivendo sob o domínio do medo e do castigo divino. E, por não saberem interpretar a natureza adequadamente, acabavam por construir superstições<sup>20</sup> como justificativa do que não sabiam explicar. Ora, Spinoza não é contra a religião, mas defende, em seu *Tratado Teológico-Político*, justamente a liberdade de pensamento e de religião<sup>21</sup> ao passo que também enfatiza que o direito natural é algo inalienável e conclui que “o mais violento dos Estados é, pois, aquele que nega aos indivíduos a liberdade de dizer e de ensinar o que pensam<sup>22</sup>; pelo contrário, aquele onde essa liberdade é concedida a cada um é um

<sup>19</sup>“O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição”. (SPINOZA, 2003, p. 6)

<sup>20</sup>“Se esta é a causa da superstição; há que concluir primeiro que todos os homens lhe são naturalmente sujeitos (digam o que disserem os que julgam que ela deriva do facto de os mortais terem todos uma qualquer ideia, mais ou menos confusa, da divindade); em segundo lugar que ele deve ser extremamente variável e inconstante, como todas as ilusões da mente e os acessos de furor; e por último, que só a esperança, o ódio, a cólera e a fraude podem fazer com que subsista, pois não provém da razão, mas unicamente da paixão, e da paixão mais eficiente. Daí que seja tão fácil os homens acabarem vítimas de superstições de toda a espécie quando é difícil conseguir que eles persistam numa só e na mesma superstição. [...]” (SPINOZA, 2003, p. 6).

<sup>21</sup>Em resposta à carta de Albert Burgh Spinoza adverte-o “que há em toda igreja homens mui dignos de estima, honrando Deus pela justiça e pela caridade; vós os encontrais entre os luteranos, os reformados, os menonitas, [...]”. (SPINOZA, 2014, p. 285).

<sup>22</sup>Em uma correspondência de 1675 destinada a Albert Burgh, um dos homens mais influentes de Amsterdã que se converteu à Igreja Romana e à Ordem dos franciscanos, Spinoza manifesta esclarecimentos concernentes à acusação de que estaria proferindo heresias ao defender sua filosofia e de que estaria sendo enganado pelo “Príncipe dos espíritos malvados”. Ora, Spinoza repreende-o

Estado moderado<sup>23</sup>. (SPINOZA, 2003, p. 302). Ora, Spinoza já pensava uma ética da felicidade em coletividade. Conforme cita:

A verdadeira felicidade e beatitude de cada um consiste unicamente na fruição do bem e não na glória de ser o único a fruir, enquanto os outros são excluídos; quem, na verdade, se julga mais feliz porque as coisas lhe correm bem só a si, e não aos outros, ou porque é mais feliz e afortunado que os outros, ignora a verdadeira felicidade e beatitude. (SPINOZA, 2003, p. 50).

Em sua obra póstuma *Ética*, Spinoza desenvolverá conceitos ainda mais amadurecidos sobre Deus e suas leis eternas e imutáveis; sobre a natureza humana e sua mente, as paixões, a servidão, a verdadeira beatitude, etc. Ora, foram quase 15 anos para construir uma extraordinária *Ética* geométrica. Na Parte I (*De Deo*), Spinoza apresenta-nos a partir de definições, axiomas, proposições, escólios e demonstrações, uma metafísica e ontologia do ente do ser da substância, ou seja, da coisa *per se* e de seus atributos, da coisa finita em seu gênero. Spinoza descreve a *substantiam* como “aquilo que existe em si mesmo” (SPINOZA, 2016, p. 13) cuja essência envolve todas as coisas existentes. O filósofo também nos explicita que as leis de Deus são eternas e imutáveis e que só “Deus é causa livre<sup>24</sup>”. Para o pensador, Deus<sup>25</sup> é o “ente absolutamente infinito”. Esta definição explicita a grande diferença entre o ser da coisa em si e por si infinita e o ser da coisa finita em seu gênero, ou seja, modos finitos determinados de atributos distintos. Ora, como vimos, somente Deus é causa de si<sup>26</sup>, causa livre que “existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinado a agir”. (SPINOZA, 2016, p. 13).

Segundo Spinoza (2016, p. 19), “toda substância é necessariamente infinita”. 19). Assim, afirma a existência absolutamente infinita de Deus, pois “existe apenas uma única substância de mesma natureza”. (ibidem). Em seguida, descreve a coisa finita como: “diz-se finita em seu gênero aquela coisa que pode ser limitada por outra coisa da mesma natureza” (SPINOZA, 2016, p. 13). Na mesma definição, o

---

persuasivamente seu acusador ressaltando que este deve “reconhecer que a santidade da vida não pertence em particular à Igreja Romana, mas é comum a todos.” [...]” (SPINOZA, 2014, p. 285).

<sup>23</sup>Em sua época, havia um grande conflito na Inglaterra e também na Holanda justamente entre algumas religiões, onde católicos, anglicanos, e luteranos disputavam a hegemonia religiosa e política. Por conta disso, a Santa Inquisição, através do Conselho de Trento, tenta reafirmar as bases cristãs da fé na Igreja Romana e nas leis divinas contidas nas Escrituras, perseguindo todos aqueles que contestassem a fé cristã como única e verdadeira.

<sup>24</sup>“Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir”. (SPINOZA, 2016, p. 13)

<sup>25</sup>Em uma carta em resposta ao diplomata e filósofo alemão Henry Oldenburg, Spinoza também descreve o conceito de Deus como sendo “um ser que se compõe de uma infinidade de atributos, cada um dos quais é infinito, quer dizer, soberanamente perfeito em seu gênero”. (SPINOZA, 2014, p. 48).

<sup>26</sup>[...]: posto que Deus é causa de si mesmo, é suficiente que o demonstremos por si mesmo, e essa demonstração é mais concisa do que a demonstração a posteriori, a qual não se realiza senão através de causas externa”. (SPINOZA, 2012, p. 82).

filósofo expõe que “um corpo não é limitado por um pensamento nem um pensamento por um corpo”. Ademais, Spinoza apresenta-nos dois elementos cruciais: “um pensamento é limitado por outro pensamento” e “o corpo é finito porque sempre concebemos outro maior”. Isso acontece porque somos modos singulares dos atributos divinos de Deus. Ou seja, o corpo é um modo finito, singular e complexo ao passo que a mente é também um modo finito, singular e complexo. Entretanto, ambos são produzidos pela essência infinita de Deus. Isso porque, existimos em outra coisa, ou seja, pertencemos ao atributo da extensão e ao atributo do pensamento de Deus.

O que Spinoza quer nos explicar a partir de seus conceitos é que somos partes (enquanto modos de ser ou afecções) de Deus, logo, estamos em Deus porque nosso corpo e mente são produtos dos atributos divinos e infinitos em seu gênero, que exprimem sua essência absolutamente infinita. Ora, somos modos determinados, mas existimos e operamos de maneira definida e determinada (*modus operandi*). Assim, nos diz a pesquisadora brasileira Chauí (2011, p. 76), que o “atributo pensamento efetua produzindo ideias e mentes, o atributo extensão efetua produzindo movimentos e corpos. Trata-se de duas atividades simultâneas de uma única substância que se exprime de duas maneiras diferentes [...]”. Ora, conclui-se que existe uma pluralidade simultânea entre corpo e mente, ou seja, ambos agem ou padecem simultaneamente embora pertençam a atributos distintos<sup>27</sup>.

Segundo o pensamento do filósofo holandês, não somos causa de si, mas antes, coisas ou modos singulares finitos, causados, coagidos, determinados e limitados. Sendo assim, podemos ser totalmente livres? Segundo Spinoza, não. Mas podemos alcançar certo grau de liberdade. Ou como dirá Deleuze (2002), em seu *Spinoza: Filosofia Prática*, o homem não nasce livre, mas torna-se livre. Na Parte II de sua *Ética*, Spinoza explicita-nos o conceito de ideia. Ou seja, “a ideia é um conceito da mente, que a mente forma, porque é uma coisa pensante”. (SPINOZA, 2016, p. 79). Pensar, portanto, é uma atividade da mente, ou seja, a mente está pronta para realizar sua atividade que é pensar ideias. Entretanto, apenas as ideias claras e distintas que podem nos conduzir ao caminho virtuoso. Já as ideias mutiladas nos levam à falsidade<sup>28</sup>. Segundo o pensamento de Chauí (2011, p. 79), “a mente é consciência dos movimentos, das mudanças, das ações e reações de seu corpo na

<sup>27</sup>[...] a união não é algo que lhes acontece, mas aquilo que um corpo e uma mente são quando são corpo e mente humanos. Além disso, porque são efeitos simultâneos de uma única substância, corpo e mente não estão, como sempre afirmava a tradição, numa relação hierárquica em que a mente seria superior ao corpo. Espinosa pode recusar não só a ideia de união substancial cartesiana, como também a ideia platônica da alma piloto do corpo (a alma como dirigente do corpo) e a aristotélica do corpo órgão da alma (o corpo como instrumento da alma), O homem, como a substância de que é efeito imanente, é a unidade de duas ordens de realidade internamente articuladas ou de duas potências de agir; é um ser cuja unidade se exprime diferencialmente pelas operações psíquicas e corpóreas”. (CHAUI, 2011, p. 76).

<sup>28</sup>“O conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro é necessariamente verdadeiro”. (SPINOZA, 2016, p. 135).

relação com outros corpos, das mudanças no equilíbrio interno de seu corpo sob a ação das causas externas e internas”.

Na realidade, essas mudanças, segundo Spinoza, são produzidas pelas marcas dessas relações, ou seja, pelas afecções dessa substância. Entretanto, é necessário compreender o que sentimos e pensamos adequadamente sobre essas afecções, ou seja, refletir se essas ideias que temos exprimem uma essência formal ou objetiva. Pois pensar não é tão somente ter consciência de algo. Para Chantal Jaquet (2011, p. 23), “a essência objetiva de uma coisa, não é, pois, nada outro que a ideia dessa coisa, e se distingue da essência formal, que visa à coisa em sua realidade material ou sua forma.”

Dado o exposto, podemos observar a importância da ideia clara e distinta para pensar criticamente as causas de nossas ações passivas, desejos e paixões tristes. Para Spinoza, nas ideias inadequadas, o pensamento é mutilado e confuso e somente nas ideias adequadas o pensar é claro e distinto. Pois a ideia adequada “é uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira”. (SPINOZA, 2016, p. 79). A ideia adequada ou verdadeira precisa estar considerada em si mesma e não em outra coisa. Logo, a ideia adequada é o pressuposto fundamental para compreendermos as verdadeiras causas das coisas, ou seja, a ordem e a conexão das causas. Isso porque as ideias adequadas, segundo Spinoza, nos conduzem à verdadeira liberdade e autonomia. Ora, segundo Spinoza, as ideias inadequadas estão ligadas à imaginação e, portanto, levam os homens à passividade, ao medo e à servidão. O pensador holandês nos explicita que é necessário abandonarmos as opiniões fictícias e mutiladas, ou seja, a imaginação do que pensamos conhecer, pois a imaginação é a causa de todo engano e falsidade. Portanto, para que uma ideia seja verdadeira é necessário que seja concebida uma ideia<sup>29</sup> em si mesma, ou seja, é necessário que a mente esteja unida ao intelecto de Deus como causa dessa ideia.

Na Parte III de sua *Ética*, Spinoza trata sobre *a origem e a natureza dos afetos* apresentando-nos a definição geral dos afetos<sup>30</sup>, do desejo e das paixões alegres e tristes<sup>31</sup> e de como se dão nossas ações a partir das modificações dessas afecções.

---

<sup>29</sup>“Ora, a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das causas. Logo, a causa de uma ideia singular é outra ideia, ou seja, Deus, enquanto é considerado afetado de outra ideia, da qual ele é igualmente a causa, enquanto afetado de outra ideia ainda, e assim até o infinito”. (SPINOZA, 2016, p. 91).

<sup>30</sup>“Todos os afetos estão relacionados ao desejo, à alegria ou à tristeza. [...]. Ora, o desejo é a própria natureza ou essência de cada um. [...]”. (SPINOZA, 2016, p. 233).

<sup>31</sup>“Além disso, a alegria e a tristeza são paixões pelas quais a potência de cada um, ou seja, seu esforço por perseverar no seu ser, é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada (*coercetur*). Ora, por esforço em perseverar em seu ser, enquanto esse esforço está referido ao mesmo tempo à mente e ao corpo, compreendemos o apetite e o desejo. Portanto a alegria e a tristeza são o próprio desejo ou o apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, estimulado ou refreado (*coercetur*) por causas exteriores, isto é, é a própria natureza de cada um”. (SPINOZA, 2016, p. 233).



Segundo seu pensamento, “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem menor nem maior” (SPINOZA, 2016, p. 163). Para o autor da *Ética*, é imprescindível primeiramente compreender a natureza e causa dos efeitos desses afetos. Isso porque é a partir dessas afecções ou modificações compreendidas que poderemos pensar e agir adequadamente. Ora, “nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece” (SPINOZA, 2016, p. 165). E isso é o resultado do efeito da compreensão das ideias e causas que podem ser adequadas ou inadequadas. A proposta de Spinoza é desafiadora. Ou seja, ele pretende, a partir de sua teoria dos afetos, compreender o que pode o corpo e como a potência do intelecto pode agir sobre os afetos. Conforme cita:

Quase todos os que escreveram sobre os afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Parecem, antes, conceber o homem na natureza qual um império num império. [...], mas ninguém, que eu saiba, determinou a natureza e as forças dos afetos, e o que, de sua parte, pode a mente para moderá-los. [...] Tratarei, pois, da natureza e das forças dos afetos e da potência da mente sobre eles com o mesmo método com que tratei de Deus e da Mente nas partes precedentes e considerarei as ações e apetites humanos como se fosse questão de linhas, planos ou corpos. (SPINOZA, 2016, p. 161-163).

69

Primeiramente, é importante ressaltar que, segundo Spinoza, a mente não age ou padece sozinha, ou seja, ela age com o corpo. E cita, “segue-se disso que o homem consiste em uma mente e de um corpo, e que o corpo humano existe tal como o sentimos”. (SPINOZA, 2016, p. 97). Ou seja, pensamos e sentimos afetos<sup>32</sup>. Spinoza também explica que “cada coisa se esforça, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (SPINOZA, 2016, p. 173). E conclui que “a mente se esforça<sup>33</sup> por perseverar em seu ser por uma duração indefinida<sup>34</sup>” (SPINOZA, 2016, p. 175). Segundo Chauí (2011, p. 85), “a relação originária da mente com seu corpo e de

<sup>32</sup>“Os filósofos concebem os afetos como que nos debatemos como vícios em que os homens incorrem por culpa própria. Por esse motivo, costumam rir-se deles, chorá-los, censurá-los ou (os que querem parecer os mais santos) detestá-los. Creem, assim, fazer uma coisa divina e atingir o cume da sabedoria quando aprendem a louvar de múltiplos modos uma natureza humana que não existe e a fustigar com sentenças aquela que realmente existe. Com efeito concebem os homens não como são, mas como gostariam que eles fossem. De onde resulta que, as mais das vezes, tenham escrito sátira em vez de ética [...]” (SPINOZA, 2009, p. 5).

<sup>33</sup>“O *conatus* está em todas as coisas, mas é percebido melhor nas criaturas orgânicas. Em todos os acontecimentos por mais diversos que sejam dadas as diferenças de ocasiões que os provocam, a planta ou o animal mantém sua individualidade singular de ser, abandonando-a apenas por força de violência exterior, ou decadência interior, ou circunstancialmente em casos mais raros( aqueles de personalidades divididas), dividindo temporalmente em duas coisas, cada uma das quais persiste em seu ser, embora possam se sobrepor em alguns aspectos e ter uso comum de alguma porção de um corpo no qual estão alojados. Mas a descrição se aplica igualmente à uma pedra, à uma molécula ou à um átomo”. (ALEXANDER, 2019, p. 70).

<sup>34</sup>“A duração é a continuação indefinida do existir”. (SPINOZA, 2016, p. 81).

ambos com o mundo é a relação afetiva”. Portanto, é necessário compreender a união<sup>35</sup> e arranjo das forças (*conatus*) afetivas desses corpos. Ora, para Spinoza, o pensamento reflexivo, ou o conhecimento de uma ideia adequada<sup>36</sup>, pode determinar o indivíduo a compreender a si próprio e ao outro, bem como conduzi-lo ao agir<sup>37</sup> segundo a luz da razão<sup>38</sup>. Dessa maneira, é necessário principalmente compreender a natureza dos afetos através das ideias<sup>39</sup> da razão para determinar as ações das ideias. Só assim os indivíduos poderão moderar<sup>40</sup> suas paixões<sup>41</sup>. Ora, se o corpo e mente possui essa ligação, logo, há uma pluralidade simultânea entre ambos, pois ambos agem ou padecem e perseveram em sua existência. É necessário compreender o que sente o corpo.

Na Parte IV de sua *Ética*, Spinoza explicita o conceito de servidão<sup>42</sup> bem como suas causas, além de nos esclarecer o que podemos compreender por bom e por mal<sup>43</sup>. Ora, segundo Spinoza, uma ideia inadequada só é construída devido “a privação de conhecimento<sup>44</sup>”, que, para o filósofo, é o fundamento de toda ignorância. Spinoza enfatiza que a privação do conhecimento das verdadeiras causas das coisas diminui nossa potência de pensar e de agir, ou seja, que “à medida que os homens estão submetidos às paixões não se pode dizer que concordem em natureza”. (E4P32). Segundo seu pensamento filosófico, “à medida que os homens são afligidos por afetos que são paixões podem ser reciprocamente contrários”.

70

---

<sup>35</sup>“Do que precede, compreendemos não apenas que a mente humana está unida ao corpo, mas também o que se deve compreender por união da mente com o corpo. Ninguém, entretanto, poderá compreender essa união adequadamente, ou seja, distintamente, se não conhecer, antes, adequadamente, a natureza de nosso corpo”. (SPINOZA, 2016, p. 181).

<sup>36</sup>“As ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas”. (SPINOZA, 2016, p. 173).

<sup>37</sup>“Digo que agimos, quando, em nós, ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial”. (SPINOZA, 2016, p. 163).

<sup>38</sup>“O conhecimento de segundo e de terceiro gênero, e não o de primeiro, nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso”. (SPINOZA, 2016, p. 135).

<sup>39</sup>“Por termos finalmente noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas [...] a este modo me referi como razão e conhecimento de segundo gênero. [...]”. (SPINOZA, 2016, p. 135).

<sup>40</sup>“A alegria ou a tristeza de um discrepa da alegria ou da tristeza de outro tanto quanto a natureza ou a essência de um difere da essência do outro e, conseqüentemente, um afeto qualquer de um indivíduo discrepa de um afeto de um outro”. (SPINOZA, 2016, p. 233).

<sup>41</sup>“Disso se segue que quanto mais ideias inadequadas a mente tem, tanto maior é o número de paixões a que é submetida; e, contrariamente, quanto mais ideias adequadas tem, tanto mais ela age”. (SPINOZA, 2016, p. 165).

<sup>42</sup>“Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos [...]”. (SPINOZA, 2016, p. 263).

<sup>43</sup>“Assim, compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, ser um meio para nos aproximarmos, cada vez mais, do modelo de natureza humana que estabelecemos. Por mal, por sua vez, compreenderei aquilo que, com certeza, sabemos que nos impede de atingir esse modelo”. (SPINOZA, 2016, p. 267).

<sup>44</sup>“A potência da mente é definida, entretanto, exclusivamente pelo conhecimento, enquanto sua impotência ou paixão é medida exclusivamente pela privação de conhecimento”. (SPINOZA, 2016, 389).

(E4P34). Somente sob a condução da razão que os indivíduos podem concordar em natureza e potência. Ou seja, “é quando cada homem busca o que é de máxima utilidade para si, que são, todos, então, de máxima utilidade uns para com os outros<sup>45</sup>”. A busca se dá através da compreensão<sup>46</sup> da natureza dos afetos e da verdadeira natureza de suas causas.

A razão é, pois, uma grande virtude entre os homens em sociedade. Isso porque os homens concordam ao máximo em natureza quando vivem sob a condução da razão. “Logo, os homens serão de máxima utilidade uns para com os outros quando cada um buscar o que lhe é de máxima utilidade”. (SPINOZA, 2016, p. 303). Segundo Paula (2017, p. 81), “no próprio uso da razão, portanto, encontramos o que no é de mais útil: a capacidade de compreensão, que mostra o verdadeiramente útil e nocivo, o bom e o mau”. Ora, em toda sua *Ética*, Spinoza apresenta pressupostos para encontrarmos a melhor maneira de agir virtuosamente em coletividade através do conhecimento de si e dos afetos, ou seja, a partir das ideias adequadas. Paula (2017, p. 29) conclui que “a *Ética* elabora uma ontologia do necessário através da qual nós compreendemos a ontologia da alegria”. Ora, a importância do *conatus* para a liberdade humana na *Ética* spinozana é senão o esforço para encontrar em coletividade o verdadeiro bem, ou seja, a beatitude<sup>47</sup>.

No *Tratado da emenda do Intelecto*, obra juvenil e incompleta de Spinoza, esclarece que “o conhecimento do efeito nada mais é, de veras, que adquirir um mais perfeito conhecimento da causa”. (SPINOZA, 2015, p. 85). E conclui que “quanto mais específica é uma ideia, tanto mais distinta e, por isso, mais clara é. [...]”. (SPINOZA, 2015, p. 89). Ora, a liberdade consiste em conhecer. Para Spinoza, somente os homens verdadeiramente livres podem de fato conhecer e compreender as verdadeiras causas das coisas. Spinoza apresenta-nos, em sua *Ética*, uma geometria da virtude, da busca pelo verdadeiro conhecimento das causas, do que é bom para si e para os outros, das virtudes e dos bons encontros, ou, como citado anteriormente por Gilles Deleuze, uma “ética da alegria e da felicidade”. Com isso, o pensador holandês apresenta-nos que a razão pode ser muito mais útil para a liberdade dos indivíduos do que os afetos tristes e as paixões passivas. Conforme Spinoza:

Para acabar com o medo é preciso pensar com firmeza, quer dizer, é preciso enumerar e imaginar, com frequência os perigos da vida e a

<sup>45</sup>Com efeito, quanto mais cada um busca o que lhe é útil e se esforça por se conservar, tanto mais é dotado de virtude, ou, o que é equivalente, de tanto mais potência está dotado para agir pelas leis de sua natureza, isto é, para viver sob a condução da razão. [...]”. (SPINOZA, 2016, p. 303).

<sup>46</sup>[...] Quando a mente compreende, ela tem ideias adequadas, e só neste caso ela pode ter certeza das coisas; somente quando compreende, portanto, a mente pode saber o que é verdadeiramente bom (útil) ou mau (nocivo), isto é, só nessa condição ela pode ter um conhecimento do bem e do mal. [...]”. (PAULA, 2017, p. 81).

<sup>47</sup>E se a alegria consiste na passagem para uma perfeição maior, a beatitude, deve, certamente, consistir então, em que a mente está dotada da própria perfeição”. (SPINOZA, 2016, p. 399).

melhor maneira de evitá-los e superá-los por meio da coragem e da fortaleza. Deve-se observar, entretanto, que ao ordenar nossos pensamentos e imaginações, devemos sempre levar em consideração aquilo que cada coisa tem de bom, para que sejamos, assim, sempre determinados a agir segundo o afeto da alegria. [...] Assim, quem tenta moderar (*moderari*) seus afetos e apetites exclusivamente por amor à liberdade se esforçará tanto quanto puder, por conhecer as virtudes e suas causas, e por encher o ânimo que nasce do gáudio que nasce do verdadeiro conhecimento delas. (SPINOZA, 2016, p. 381).

### Considerações finais

Spinoza nos apresenta o caminho do amor à liberdade estabelecendo uma ética<sup>48</sup> capaz de conduzir os indivíduos à verdadeira beatitude, bem como à verdadeira liberdade ou salvação. E esse caminho começa a ser trilhado a partir do esforço (*conatus*) de nossa mente quando buscamos conhecer e compreender a verdadeira causa das coisas e assim aprendemos a moderar nossos afetos. A *Ética*<sup>49</sup> de Spinoza estabelece pressupostos que podem conduzir os homens a uma vida harmoniosa e feliz, ou seja, uma vida livre da servidão e dos preconceitos estabelecidos pelas ideias inadequadas da imaginação e do senso comum. Ora, a verdadeira potência de agir do homem se dá pelo esforço do conhecimento de sua verdadeira virtude: a razão. Para Spinoza, “o desejo de viver feliz ou de viver e agir bem, etc. é a própria essência do homem” (SPINOZA, 2016, p. 291). Ora, o homem que busca o viver bem e agir bem, conserva sua própria essência. E assim, o existir em ato determina a potência do intelecto e diminui a possibilidade das ações passivas. Pois, para Spinoza, a servidão e o medo são incapazes de proporcionar aos homens o verdadeiro caminho para a liberdade das ações<sup>50</sup>, ou seja, do existir em ato.

Segundo Spinoza, é através da razão que podemos aumentar nossa potência (*conatus*) de agir evitando as causas que nos levam à servidão e ao medo, ou seja, que diminuam nossa potência de pensar e agir adequadamente. Spinoza traça um caminho raro e nos convida a refletirmos sobre a felicidade de pensar e viver virtuosamente em sociedade, explicitando-nos que são necessárias regras de vida

---

<sup>48</sup> “[...], a tradição normativa submete a ética a imagem de coisas boas ou más em si e apresenta bom e mau como modelos externos da conduta virtuosa (conforme ao bem) e viciosa (conforme ao mal), identificando a liberdade com o poder da vontade para escolher entre valores postos como regras e normas para o agente. Nas duas tradições o corpo é tido como as causas das paixões da alma e estas são consideradas vícios em que caímos por nossa culpa, desobedecendo à vontade de Deus (na tradição teológico-metafísica) ou contrariando as leis da Natureza (na tradição da normatividade moral).” (CHAUI, 2011, p. 69).

<sup>49</sup> “A *Ética* elabora uma ontologia do necessário através da qual nós compreendemos a ontologia da alegria. Ela permite compreender por que a busca da alegria e a rejeição da tristeza são ontologicamente determinadas”. (PAULA, 2017, p. 29).

<sup>50</sup> “Não se trata, porém, de vituperar a natureza humana, condená-la ou censurá-la. Trata-se, ao contrário, de conhecer as causas, as formas e o sentido de nossas paixões”. (CHAUI, 2011, p. 156).

para mantermos nossa perseverança, mas principalmente o esforço pela busca do que é bom e útil para todos. A luz da razão é o farol e o conhecimento é a bússola para as ideias verdadeiras. Em sua *Ética*, Spinoza nos dá um precioso conselho que em partes é vindo dos antigos: conhecer a si mesmo. Ou seja, desprender-se dos antigos valores morais e das opiniões, ou seja, das paixões e afetos passivos. Eis que surge uma revolucionária filosofia da liberdade, da alegria, do compromisso com a ética e dignidade humana. Conforme cita Frédéric Lenoir (2019, p. 136), “a *Ética* de Espinosa parte da alegria para desembocar na alegria perfeita”. Eis a relevância do *conatus* para a liberdade humana na *Ética* spinozana.

A *Ética* de Spinoza é livre dos dogmas religiosos e, ao mesmo tempo, não se mostra contra as religiões, mas contra os preconceitos e avareza dos gananciosos e invejosos que às submetem para dominar o estado social. Ora, Spinoza busca o amor intelectual de Deus, ou seja, livre da ignorância, da intolerância e do medo, pois constrói caminhos capazes de conduzir os indivíduos à verdadeira beatitude e liberdade em coletividade. Isso porque seu edifício filosófico é fundamentado no aperfeiçoamento das virtudes sob a autoridade própria da razão, que, além dos encontros e afetos alegres, também busca alcançar a verdadeira beatitude. Spinoza é um observador da natureza humana, ou seja, de uma natureza ou essência que embora desejante, se estrutura nas relações simultâneas e complexas, que se dão entre os corpos exteriores e as ideias que se formam a partir dessas relações corpóreas, constantes e afetivas, que se ajustam para uma ética da felicidade. Citando Chauí (2011, p. 156): “eis o programa espinosano: não rir, não lamentar, nem detestar os afetos humanos, mas entendê-los”. A filosofia de Spinoza é, pois, um *modus operandi* para aumentar o *conatus* de pensar e de agir para o bem de si e da coletividade.

## Referências

ALEXANDER, S. *Spinoza e o tempo*. Tradução revisão e notas e texto final: GT Benedictus de Spinoza. Fortaleza: EdUECE, 2019. (Coleção *Argentum Nostrum*).

CHAUI, M. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. v.1(imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

\_\_\_\_\_. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. v. II (liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

\_\_\_\_\_. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. Tradução de Daniel e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2012.

JAQUET, C. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Filo/Espinosa).

LENOIR, F. *O milagre Espinosa: uma filosofia para iluminar nossa vida*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PAULA, M. F. de. *Alegria e felicidade: a presença do processo liberador em Espinosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. (Ensaio de Cultura).

RAMOND, C. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução de Claudio Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIZK, Hadi. *Compreender Spinoza*. Tradução: Jaime, A Clausen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SPINOZA, B. *Tratado teológico-político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Tratado político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Obra completa II: correspondência completa e vida*. Tradução e notas de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. *Tratado da emenda do intelecto*. Edição em latim e português. Tradução e nota introdutória de Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.

\_\_\_\_\_. *Ética* (ed. bilíngue latim-português). Tradução e notas de Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. *Breve tratado*. Tradução e Notas: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção FILÔ/Espinosa).

Submissão: 24. 09. 2021

/

Aceite: 30. 10. 2021